

Galileu Herético 40 anos depois: entrevista com Pietro Redondi

Galileo Heretic 40 years later: interview with Pietro Redondi

<https://doi.org/10.26512/rhh.v12i25.55776>

Entrevista com **Pietro Redondi** (Università di Milano)

Isabela Mendes Fechina

Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0000-0002-6443-2668>

isabelafechina@gmail.com

Marina Rolo de Souza Kauffmann do Nascimento

Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0000-0003-3678-1550>

marinarolo.unb@gmail.com

Mariana Gonçalves Penna Gonçalves Penna

Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0000-0002-8584-7328>

marigpenna@gmail.com

Júlia de Oliveira Machado

Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0009-0001-7347-6320>

juliamachado0990@gmail.com

Geovana Oliveira Nascimento

Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0009-0001-7124-9458>
geovana.olivernasc@gmail.com

Daniel Moreira de Souza

Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0009-0008-6854-7690>
daanielmoreira@gmail.com

Ramon Gustavo Becker

Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0000-0003-2084-588X>
ramongustavobecker@gmail.com

Hugo dos Santos Costa

Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0009-0008-6528-4186>
santoshugo.310@gmail.com

Guilherme de Assis Vasconcelos

Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0009-0009-2268-5059>
guilhermevasconcelosprofi@gmail.com

Joana Regattieri Adam

Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0009-0004-6803-1548>
joanaregattieri@gmail.com

Hioga Fernanda Duarte Rocha Santos Duarte Rocha Santos

Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0000-0001-7370-8526>
dranandaduarte@yahoo.com

Isabela Angelo Ramalho de Sá

Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0009-0007-7116-1230>
isabelasa@protonmail.com

Tácio Nepomuceno Reis

Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0000-0002-0878-1919>
tacionreis@hotmail.com

Marcela de Andrade Costa

Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0000-0002-6804-2341>
marcela.costa@gmail.com

Romulo Valle Salvino

Universidade de Brasília
<http://orcid.org/0000-0001-7290-8032>
romulovs@uol.com.br

“Admirável conjuntura”, foi como descreveu Pietro Redondi a respeito de um breve período de recepção das ideias do *Saggiatore*, de Galileu Galilei, entre os letrados, e é também como podemos descrever o contexto historiográfico da publicação de *Galileu Herético* como parte da coleção *Microstoria*, publicada pela Editora Einaudi, na Itália. Uma turma composta por estudantes de graduação, mestrado e doutorado em História, além de outros pesquisadores curiosos, redescobriu o livro décadas após sua publicação original, em 1983, e sua tradução para o português, em 1991, tomando-o como objeto de uma leitura orientada. O exercício se deu na disciplina de História Social e suas Múltiplas Formas - Micro-História, Teoria e Técnica, ministrada pelo professor Dr. Tiago Gil no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, em que lemos e discutimos importantes nomes da micro-história, como Carlo Ginzburg, Giovanni Levi, Maíra Vendrame, Alexandre Karsburg, Francesca Trivellato e Giovanni Favero, com quem tivemos também a oportunidade de conversar diretamente. Foi a partir dessas leituras e das discussões em sala que elaboramos a técnica de análise de *Galileu Herético* e as perguntas para a entrevista com seu autor, Pietro Redondi.

O que fazia *Galileu Herético* na bibliografia da disciplina de Micro-História? A proposta da matéria foi, em um primeiro momento, discutir os aspectos teórico-metodológicos que configuram a micro-história italiana, realizando uma leitura atenta e em escala microscópica dessa historiografia. Nessa etapa, foi possível caracterizar a micro-história como uma metodologia de pesquisa que valoriza a redução de escalas de análise e o estudo intensivo dos materiais documentais, bem como a relativização de generalizações, em contraste com grandes sistemas ou paradigmas que têm no “contexto” o seu pressuposto básico. Ao aplicar a escala microscópica na análise de um objeto, espera-se que se revelem aspectos não observados em pesquisas cujos recortes espaciais e temporais sejam mais largos.

Nesta obra, Pietro Redondi constrói uma revisão da história da condenação de Galileu Galilei. Oficialmente, o motivo que levou ao processo de investigação e julgamento do cientista foi a incorporação de preceitos copernicistas em seu livro *Diálogos* (1632), caracterizado como herético, resultando na proibição de Galileu de ensinar ou discutir as teorias de Nicolau Copérnico. Entretanto, para Redondi, a condenação de Galileu envolveu uma trama mais complexa que se iniciou anos antes da escrita e publicação dos *Diálogos*.

O estudo histórico que começou como uma investigação das teorias galileanas sobre a natureza da luz, logo levou Redondi à leitura de diversas cartas e

escritos de Galileu, sobretudo o livro *Saggiatore* (1623), onde a teoria corpuscular da luz fora formulada e descrita. Porém, ao perceber todas as polêmicas suscitadas pelo *Saggiatore*, especialmente por conta de seu tom satírico, a investigação da teoria da luz deu lugar a um estudo sobre as controvérsias da escrita e publicação do *Saggiatore*. A mudança na perspectiva, ou a “substituição da teoria” – fazendo um paralelo com o título de um dos capítulos – levou Pietro Redondi a uma descoberta incrível. Um manuscrito sem data e sem assinatura que revelava uma denúncia do *Saggiatore* ao Tribunal do Santo Ofício, que possivelmente precedia a publicação dos *Diálogos*, e que tecia acusações tão graves quanto a adesão ao copernicanismo.

A partir deste documento inédito, Pietro Redondi constrói o livro *Galileu Herético*, buscando as origens desta denúncia, e mais importante, seu autor. O resultado é um estudo que acompanha a trajetória de Galileu e daqueles que o cercavam, desde o início da produção do *Saggiatore* até anos após a morte de seu autor. No desenvolvimento desta pesquisa, foi muito bem empregada a abordagem micro-histórica. O recorte estabelecido por Redondi focou em um seleto grupo de letrados do meio eclesiástico romano ligado à Galileu, demonstrando os diálogos, debates e disputas que estes travavam, tanto nas esferas intelectuais e dos paradigmas de pensamento, quanto nas esferas social, política e institucional.

A adoção da micro-história nesta investigação permitiu revelar novas perspectivas sobre o desenvolvimento do pensamento de Galileu. No livro, não só são apresentadas as teorias do astrônomo, mas também sua relação com seus colegas das academias de ciência, em especial da Academia dos Lincei, e seus opositores, os Jesuítas do Colégio Romano. As redes de sociabilidade e disputas perpassavam a questão científica e envolviam crenças, reputações e a credibilidade pessoal e institucional dos atores implicados, bem como as consequências de cada ação feita ou decisão tomada por estes grupos.

A incorporação destes elementos e da utilização da micro-história em *Galileu Herético*, além de trazer novas questões sobre o processo de condenação de Galileu, apresenta uma perspectiva interessante e pertinente para a história da ciência, mesmo quarenta anos após sua publicação. A caracterização do processo de escrita, publicação e leitura dos textos de Galileu feita por Redondi é multifacetada, visto que, conforme descrito, não se limita somente a debates intelectuais. Por exemplo, a incorporação de eventos particulares emblemáticos, como o carnaval de 1626, onde todos os grupos envolvidos na trama se reuniam em comemoração, até os debates sobre a eucaristia e a

transubstanciação, que se desenvolviam séculos antes de Galileu, para explicar detalhadamente o processo e os motivos que levaram à polêmica do *Saggiatore*, e por consequência, a condenação de Galileu.

Como organizar a relação entre geral e individual? Qual o limite das generalizações? O que as/os historiadoras/es podem generalizar? São algumas questões que não somente norteiam a micro-história, mas que também orientaram a leitura de *Galileu Herético*, numa espécie de parte prática da disciplina. Ao ler o livro de Pietro Redondi, seguimos inicialmente um “guia de leitura” que concebemos para toda a bibliografia do curso, na qual deveríamos nos atentar, microscopicamente, em identificar estrutura, contextos de produção e publicação, narrativa e estilo, conceitos, diálogo com a historiografia, geografia, personagens/agentes, fontes, técnicas e métodos adotados, e, evidentemente, concepções teóricas dos/as autores/as.

Esse exercício, executado espontaneamente em nossas discussões ao longo de dois meses, resultou no levantamento de diversas hipóteses a respeito da construção metodológica da narrativa do livro. Durante as aulas, nos voltamos inúmeras vezes para a figura de Pietro Redondi com a intenção de desvendar aspectos que, para nós, ainda eram incompreensíveis ou permaneciam sem uma resposta que nos fosse convincente. A sua concepção política, suas convicções religiosas, suas possíveis influências e inspirações literárias e artísticas, sua trajetória acadêmica e intelectual, sua motivação para escrever sobre Galileu Galilei e até mesmo se o autor se via em Galileu – todas essas foram suposições que fizemos e hipóteses que consideramos na medida em que destrinchamos a narrativa do livro e a metodologia da pesquisa.

Para além de meras curiosidades despertadas pela leitura atenta e coletiva de *Galileu Herético*, o levantamento e a extensa discussão dessas hipóteses converteram-se em uma verdadeira investigação a respeito de como Redondi compôs o livro e organizou tanto o enredo, como os capítulos. Por exemplo, observamos que ele tendia a colocar o tema central do livro – as razões que levaram à condenação de Galileu por heresia – em seus próprios termos, ressaltando determinados aspectos da situação em detrimento de outros; observamos que a contextualização biográfica e o desenho de um perfil psicológico dos vários personagens vinculados à condenação de Galileu apareciam recorrentemente; identificamos que a narrativa do livro como um todo seguia um padrão semelhante àquele dos romances detetivescos, o que foi definitivo para a ambientação da história que Redondi desejava contar; e mais: coletamos algumas das metáforas mais frequentes em seu texto e aventamos a possibilidade de que alguns capítulos do livro poderiam ser pares de outros, o que nos levou a questionar se haviam sido escritos na mesma ordem em que

foram publicados. Não obstante, também nos questionamos até que ponto os supostos pares de capítulos e as metáforas seriam intencionais ou se seguiriam uma espécie de fórmula literária.

O levantamento dessas hipóteses só foi possível graças à leitura atenta e à discussão dos aspectos formais, narrativos e extratextuais vinculados a *Galileu Herético*. Os fatos expostos no livro, é claro, possuem grande importância para a história da ciência, mas o modo com o qual Redondi os narra suscita indagações a respeito de *como* podemos contar uma história e de quais recursos de escrita podemos lançar mão. Ao lermos *Galileu Herético* observando as estratégias empregadas por Redondi na construção da trama da condenação de Galileu, conseguimos mapear, ao menos em parte, o modo como ele desenvolveu a pesquisa e o livro. E, igualmente importante, não encontramos respostas definitivas para os questionamentos e suposições aventados ao longo da leitura coletiva, o que nos motivou a realizar a entrevista com o autor que segue abaixo.

Entrevista

1. Uma preocupação que identificamos em sua obra foi uma busca incessante por entender os personagens em seus próprios termos. Poderia iniciar fazendo uma brevíssima apresentação pessoal de sua trajetória? Como sua graduação? Quais eram seus interesses no doutorado? Como foi se interessar pelo tema da "luz" e a obra de Galileu? Por fim, poderia fazer uma rápida nota sobre seus interesses de pesquisa na Universidade de Milão?

Começaria dizendo que minha geração tinha dezoito anos em 1968, data-símbolo da contestação estudantil e de uma época de profundas mudanças nas ciências, como o nascimento da biologia molecular e a teoria da tectônica a placas. É possível e até provável que aquele particular *Zeitgeist* tenha influenciado a escolha de muitos de nós de estudar na universidade duas novas disciplinas improntadas ao espírito crítico e à interdisciplinaridade como a filosofia da ciência e a história da ciência, então estritamente acomodadas à insígnia da chamada "epistemologia histórica". "A filosofia da ciência sem a história da ciência é vazia e a história da ciência sem a filosofia da ciência é cega", assim escrevia Imre Lakatos, um dos nossos autores que falavam todos

de transformações, revoluções, rupturas científicas: Koyré, Bachelard, Popper, Feyerabend, mas sobretudo Thomas Kuhn.

Assim me formei em História da ciência na Universidade estatal de Milão, que tinha sido a primeira a dotar-se de uma cátedra de Filosofia da ciência ocupada por Ludovico Geymonat, um matemático e filósofo de estampa neopositivista e de grande carisma. Enquanto na École des hautes études en sciences sociales de Paris fiz minha tese de doutorado sobre Sadi Carnot, o fundador da termodinâmica. Uma experiência para mim apaixonante, porque investia a categoria historiográfica de "comunidade científica" que graças a Thomas Kuhn tinha ascendido ao papel de protagonista das revoluções científicas. Eu tinha de fato descoberto que a nova teoria física de Carnot, por muito tempo ignorada pelos físicos de profissão, tinha sido entendida na França e aplicada a projetos de novos motores a ar e a combustão interna por parte de inventores, industriais e engenheiros marginais em relação à ciência oficial. Kuhn não tinha definido a comunidade científica. Quais eram os seus confins?

Foram estes interesses a meio caminho entre a história e a sociologia da ciência a induzir-me a permanecer também depois do doutorado em Paris, onde o debate historiográfico e sociológico era muito mais vivaz que na Itália. Trabalhei por um decênio como pesquisador do CNRS junto ao Centre Koyré da EHESS e é aqui que me aproximei da obra galileana. Nada de programado. O meu projeto era aliás de continuar a estudar a ciência do século XIX nas grandes exposições universais parisienses. A ocasião foi um seminário intitulado Matéria e luz – como um famoso livro do físico Louis de Broglie – organizado pelo meu diretor de tese, Pierre Costabel e ao qual era convidado a preparar uma comunicação sobre o que da natureza da luz tinha escrito Galileu.

Dado porém que me perguntam quais sejam os meus atuais interesses, deixem-me concluir esta pequena autobiografia acrescentando que nunca deixei de dedicar-me, sobretudo desde quando voltei a Milão, à minha primeira paixão pelas relações entre ciências e tecnologia. Das duas pesquisas de que me ocupo atualmente uma é de fato uma micro-história ambientada no canteiro da construção do Duomo de Milão e a outra um ensaio sobre Bruno e Galileu.

2. Tendo em vista que suas pesquisas anteriores se voltaram para outros assuntos, qual foi a motivação para pesquisar Galileu? Teria vinculação com

alguma instituição ou centro de pesquisa? Como chegou a ser publicada pela Einaudi, uma editora que à época estava iniciando produção de uma coleção voltada para a micro-história? O senhor se identifica com a micro-história?

Como eu dizia, no meu interesse pela obra de Galileu estava em jogo só a minha curiosidade; nenhuma pergunta de financiamento, nenhuma proposta editorial. Se o meu livro foi publicado pela casa editora de Giulio Einaudi é porque o historiador da EHESS Jacques Revel, depois de ter lido em italiano o manuscrito, tinha-me aconselhado a submetê-lo para publicação a Carlo Ginzburg, então co-editor da coleção *Einaudi Micro-Histórias*.

Me perguntam se me identifico com a abordagem micro-histórica. Respondo que sim, se por abordagem micro-histórica se entende um esforço de contextualização a diversos níveis de escala. Algo de comparável à análise estratigráfica. Como a geologia reconstrói a partir do suceder-se dos estratos as formações de um território e o seu concatenar-se, assim uma micro-história reconstrói as relações e as linhas de força de sociedades do passado a partir da contextualização a escala aproximada de fatos particulares (que em história são documentos). No meu caso, procurei – não sei com quanto sucesso – contextualizar a condenação de Galileu em 1633 tomando seriamente em exame os argumentos dos seus adversários e por outro lado procurando reconstruir as mudanças das relações de força na Roma dos Barberini, inicialmente favoráveis a Galileu e depois viradas em dano em 1632 na sequência da crise militar da Guerra dos Trinta Anos.

3. Gostaríamos de entender qual seriam as influências literárias para a construção do seu livro. Quais foram as motivações para se adotar o estilo narrativo escolhido? As fontes podem ter algum papel nisso?

Não me lembro de ter-me inspirado em um particular modelo literário. A estrutura do livro era de resto bastante simples já que alternava capítulos que descreviam a minha pesquisa e culminantes no achado da denúncia ao Santo Ofício do atomismo do *Saggiatore*, a capítulos dedicados à gênese do *Saggiatore*, ao ambiente filosófico e político romano, ao processo de Galileu e ao desdobrar-se no século XVII do conflito entre atomismo e eucaristia. Temo que este proceder "a passo alternado" não tenha funcionado dado que a grande maioria dos comentadores se concentrou sobre o só capítulo relativo ao processo de Galileu e dos arquivos do ex-Santo Ofício. O seu achado constitui, é verdade, o centro narrativo do meu livro, mas de um ponto de vista histórico são bem mais importantes as páginas do livro com que o padre

Grassi replicava ao *Saggiatore*, a Ratio ponderum, enfatizando e tornando de domínio público a mesma acusação eucarística. Enquanto a denúncia ao Tribunal do Santo Ofício tinha sido arquivada.

4. Ainda sobre o ponto da narrativa, ela parece jogar um papel muito importante na própria forma de explicar seu objeto. Como vê essa relação?

Contar, descrever também nos detalhes circunstâncias, personagens, raciocínios, modos de viver do passado, ou seja de um mundo que não é mais o nosso, vai em benefício, eu creio, não só de quem lê um livro de história, mas também do seu autor. Entendo dizer que quanto mais se descreve o passado na sua realidade agora longínqua de nós menos se arrisca de cair no anacronismo. A narração oferece uma outra vantagem. Entre os aspectos que ela é chamada a descrever entram de fato os ideais, as aspirações e as possibilidades e as alternativas que se abriam diante daquele dado momento histórico. Assim fazendo, reduz-se de muito o risco de olhar finalisticamente para o passado com "o juízo do depois", como se diz em italiano, ou seja, à luz de quanto aconteceu depois.

5. Como se deu a organização das etapas da pesquisa (estudo de fontes e articulação com bibliografia) para a produção do livro? Como era o "cotidiano" da pesquisa?

Lembro a mudança de perspectiva ocorrida quando a correspondência galileana me tinha revelado que o *Saggiatore* tinha sido denunciado. Não podia tratar-se do copernicanismo dado que no *Saggiatore* Galileu declarava expressamente recusar o sistema de Copérnico em obediência à sua colocação no índice em 1616. A este ponto o foco da pesquisa se deslocava sobre o livro de Grassi e sobre o ambivalente mundo da Roma dos Barberini: dos fastos acadêmicos do cardeal Maurício de Savoia ao espectral processo intentado *post-mortem* ao arcebispo Marcantonio De Dominis.

6. Como se deu a organização e sequência de escrita dos capítulos? Ela se manteve na publicação? Os capítulos foram escritos na ordem que foram publicados?

Sim, os capítulos foram publicados na ordem com que tinham sido escritos, com uma sequência que como eu disse, propunha-se entrelaçar a história de uma descoberta e a descoberta de uma história. Repito que este tipo de montagem provavelmente não rendeu um bom serviço ao livro, fazendo sim que o tema dos bastidores da condenação de Galileu eclipsasse aquele historicamente igualmente se não mais relevante do conflito entre atomismo e dogma eucarístico.

7. Durante a narrativa do livro são apresentadas as relações de sociabilidade e afiliações institucionais dos diferentes agentes históricos envolvidos diretamente ou indiretamente com as polêmicas dos escritos de Galileu. Entretanto, nos momentos agudos da controvérsia, como os embates com o Padre Grassi e a denúncia feita pelo jesuíta, as decisões dos indivíduos parecem tomar traços mais pessoais. Nesse sentido, gostaríamos de saber, na visão do senhor, quais os limites entre individualidade e institucionalidade das ações e reações desempenhadas pelos personagens? Quão pessoais foram as provocações de Galileu e a denúncia de Grassi? Há um perfil psicológico particular a ser considerado no estudo das ações e decisões tomadas pelos agentes históricos? Se sim, como acessar este perfil e articulá-lo com a institucionalidade e outros elementos contextualmente definidos?

A interação entre psicologia individual de um autor e a sua identificação com a instituição de pertença deve evidentemente ser avaliada caso a caso, autor por autor. No caso da acusação a Galileu publicada na *Ratio ponderum* várias razões induzem a reter que espelhasse maiormente a instituição de pertença do padre Grassi que a sua psicologia. Em primeiro lugar porque o seu autor, malgrado o pseudônimo, era universalmente notório como expoente autorizado da comunidade ensinante do Colégio romano dos jesuítas. Secundariamente porque a *Ratio ponderum* se apresentava como um livro de réplica institucional, impressa como era pelo principal editor parisiense da Companhia de Jesus e sob a supervisão do general da ordem Muzio Vitelleschi. Enfim, a acusação eucarística tinha por si um caráter mais institucional que privado, se devemos julgar pelo fato que colocar a filosofia atomista ou corpuscular na mira do dogma eucarístico tornar-se-á rapidamente uma prerrogativa específica dos jesuítas e sistematicamente exercitada, também no interior da sua ordem.

No caso de Galileu, em vez disso, não obstante a sua pertença a uma comunidade com ambições institucionais como a Academia dos Linceus, pareceria prevalecer nas suas ações e reações o componente psicológico, também em formas que alguns comentadores, penso por exemplo na recente biografia galileiana de John Heilbron, consideram excessivamente caracteriais.

8. Há diversas epígrafes em cada capítulo e elas parecem ter um papel na leitura. Seria uma forma de ambientar o leitor? Talvez uma forma de apresentar outros elementos para reflexão?

Ambas as coisas. As epígrafes de autor no início de um capítulo servem para dar mais uma vez a palavra aos contemporâneos, para deixar que sejam eles a testemunhar sobre o tema objeto daquele capítulo. Penso nos versos com que John Donne, referindo-se provavelmente a Giordano Bruno, deplorava a tentativa dos filósofos inovadores de reduzir tudo a átomos como uma subversão de devastadores, irremediáveis efeitos sociais e morais.

9. *Galileu Herético* foi considerada uma obra muito inovadora na história da ciência. De algum modo, contudo, a história política nos pareceu um pouco mais tradicional, falando de papas, cardeais e nobres em um momento que apareciam diversos trabalhos sobre a história social de pessoas comuns. Como avalia esse contexto?

Esta pergunta coloca o dedo sobre um problema mais geral de descolamento, no sentido de separação, entre história da ciência e os métodos da historiografia contemporânea. Sobretudo nos estudos também de história sociológica sobre a primeira ciência moderna privilegiam uma abordagem preminentemente filosófica restrita ao âmbito das universidades, das cortes, do mecenato aristocrático. Deste ponto de vista o meu livro espelha efetivamente esta impostação tradicional.

Mas o mundo de Galileu, da ciência de Galileu, era depois verdadeiramente tão circunscrito a espaços povoados somente por universitários, nobres, cardeais, grão-duques ou pontífices? Certamente não: nele interagem também outros atores sociais: impressores de livros e fabricantes de lentes, mestres de madeira autores de engenhos como o monta-cargas que permitia passar do

Brenta à Lagoa aos barcos em serviço entre Pádua e Veneza, ou como o capacete porta-telescópio idealizado por Galileu para calcular a longitude no mar. Mesmo se a quase totalidade de figuras sociais como estas é destinada a permanecer anônima, uma história das relações entre os cientistas do século XVII e as classes subalternas seria um desafio a tentar.

10. A obra dá grande destaque para a descoberta de uma denúncia do *Saggiatore*. Contudo, o documento originalmente solicitado (e de cuja existência havia uma confirmação por parte do arquivo da Inquisição) era outro, o parecer do Padre Guevara. Esse engano do Arquivo foi salientado, mas não muito explorado em *Galileu Herético*. Hoje, avaliando o fato muitos anos depois, como avalia essa circunstância?

Devo avaliar positivamente o fato que o Arquivo do ex-Santo Ofício, na falta do suposto e talvez jamais existido parecer de Guevara, tenha colocado à disposição um outro documento referente ao *Saggiatore*. Sobre por que jamais ninguém o tinha assinalado antes, nem o tinha procurado, não saberia responder.

Muito antes, no fim do século XIX, tinha sido Antonio Favaro a obter de publicar na sua monumental edição das Obras de Galileu aquela que se acreditava ser a inteira documentação supérstite sobre Galileu conservada nos arquivos do Santo Ofício. Ao apresentá-la, Favaro não fazia alguma menção da denúncia contra o *Saggiatore* citada na correspondência galileana nem do suposto parecer para inocentá-lo atribuído a Guevara. Mais recentemente, porém, a abertura destes arquivos inquisitoriais romanos fez retornar à luz um segundo documento acusatório: desta vez um parecer ou talvez fosse melhor dizer uma perícia anônima e sem data conexas ao atomismo do *Saggiatore*, a única de que é hoje demonstrada a existência. E era tudo outro que inocentadora: além de avalizar a fundamentação da imputação, aconselhava de fato a proceder a ulteriores averiguações. Até prova em contrário, e felizmente para Galileu, pareceria não se ter feito nada deste pedido instrutório, tanto que é só hoje, e somente graças à abertura dos arquivos, que estamos a conhecimento de uma ulterior peça desta vicissitude desenrolada por trás da fachada da "admirável conjuntura" romana de Galileu.

Recebido em 11 de outubro de 2024
Aprovado em 08 de novembro de 2024
Autores convidados